



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas
Monografia em Literatura

JOÃO RAMOS DE MORAIS FILHO
09/0141245

Tensão entre o ético e o estético no romance *Vida e morte de M .J. Gonzaga de Sá*, de Lima Barreto.

ORIENTADOR DR. ANDRÉ LUÍS GOMES

Brasília

2013

JOÃO RAMOS DE MORAIS FILHO
09/0141245

Tensão entre o ético e o estético no romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, de Lima Barreto.

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do grau de licenciatura em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. André Luís Gomes

Brasília

2013

JOÃO RAMOS DE MORAIS FILHO
09/0141245

Tensão entre o ético e o estético no romance *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, de Lima Barreto.

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do grau de licenciatura em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. André Luís Gomes

Data da aprovação:

Prof. Dr. André Luís Gomes
Universidade de Brasília

RESUMO

O trabalho em questão reflete sobre a postura do escritor Lima Barreto em sua obra *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, diante das contradições sócio-culturais do início do século XX e tem como eixo principal de análise a compreensão de como o autor discute e se utiliza dos conceitos de ética e estética nesse romance. Além disso, trata também dos contextos histórico, literário e social que são essenciais para o entendimento do romance como um todo. Neste debate entre o ético e o estético, este estudo aponta definições e o modo de pensar do escritor, analisando como ele, em relação aos acontecimentos e relações sociais, concebe a noção e a função da escrita e do escritor. Para finalizar, propõe uma reflexão sobre a relação entre a escrita do autor, o mercado editorial e o reconhecimento desse autor como literato.

PALAVRAS-CHAVE: Lima Barreto; ética; estética; romance; mercado editorial.

SUMÁRIO

Introdução	06
Capítulo 1. Lima Barreto: Vida e obra	07
Capítulo 2. Contexto histórico da obra.....	11
Capítulo 3. Considerações sobre ética e estética	18
Capítulo 4. A ética e a estética para Lima Barreto	20
Capítulo 5. O bom autor	24
Capítulo 6. Mercado editorial e reconhecimento.....	29
Capítulo 7. Considerações finais	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

INTRODUÇÃO

De certo modo, pode-se afirmar que, no conjunto geral da obra do escritor Lima Barreto, existam várias marcas de tensões entre as noções de ética e de estética. Tendo vivido num período politicamente conturbado, marcado também por inovações no campo das artes e das ciências, Lima Barreto faz refletir em seus trabalhos literários suas próprias considerações sobre esse jogo de forças dentro da sociedade brasileira do início do século XX. Assim, os rumos da política do país terão um papel decisivo na maneira como o escritor analisa criticamente os fatos de seu tempo. O modo autoritário e displicente do governo republicano para com os interesses comuns da nação serviu ao polêmico e combativo escritor de motivo principal para o seu exercício criativo.

Durante o início do século XX no Brasil havia uma valorização do aspecto formal da arte. Assim, o Modernismo abraça os ideais de vanguarda que têm como intuito o afastamento dos preceitos éticos, tão valorizados nas obras clássicas, passando a trabalhar puramente com o estético, que valorizava a forma. Por ter recebido uma formação nos antigos moldes escolares da tradição literária, Lima Barreto vem a detestar as artes que se intitulam progressistas e formalistas. Sua atenção é voltada às pessoas, de acordo com a visão ética e humanista, pois entende que a arte parnasiana é inútil aos olhos do povo por não alcançar sua dura realidade nem representar a luta diária do brasileiro.

Para defender a arte literária alegórica – que transmite conhecimento e estimula o homem a buscar algo mais que a aparência da obra – faz-se necessário enfrentar àqueles que apóiam as manifestações simbólicas de arte. Deve-se lutar contra o comodismo da burguesia que busca aparência ao invés de essência artística.

De modo geral, pode-se afirmar que Lima Barreto conserva o espírito guerreiro de um verdadeiro intelectual que luta contra o ostracismo e a antipatia em prol do compromisso para com a sociedade e a ética humanista.

Capítulo 1

Lima Barreto: vida e obra

Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro, no dia 13 de Maio de 1881, com o nome de Afonso Henriques de Lima Barreto, na Rua Ipiranga no bairro de Laranjeiras. Seu pai, João Henriques de Lima Barreto, era tipógrafo da Imprensa Nacional e sua mãe, Amália Augusta Barreto, professora primária em colégio da Rua Ipiranga. Seu batismo ocorreu em 13 de Outubro de 1881 á Igreja de Nossa Senhora da Glória.

Teve como padrinho Afonso Celso, visconde de Ouro Preto que era uma ilustre figura da época. Sua mãe morreu quando ele tinha apenas 6 anos de idade. Ele participa com o pai da missa campal pela abolição da escravatura, guarda uma grande memória familiar do golpe ocorrido em 15 de Novembro de 1889, depois da ditadura militar no governo de Floriano Peixoto. Sua infância foi bastante humilde.

De 1891 à 1895 foi interno no Liceu de Niterói. Logo depois entra na escola de engenharia (Escola Politécnica) em 1897. Nesta época ele já estava se movimentando com o interesse no jornalismo, namorando a ideia de atuar escrevendo de forma que pudesse divulgar seus pensamentos com maior facilidade.

Começa-se a observar um Lima Barreto que registra os fatos da cidade do Rio de Janeiro, especificamente do centro do Rio onde ficam evidentes as presenças da Rua do Ouvidor e de outras ruas que o autor vivenciou. Neste momento a principal barreira encontrada por Lima é o racismo e o conservadorismo dentro da própria universidade.

Na madrugada de 15 de Agosto de 1902 começa uma fase tenebrosa na vida do autor, seu pai enlouquece fazendo com que Lima abandone os estudos da Politécnica e vá morar no subúrbio carioca com a sua família. Em 1903 irá prestar concurso para amanuense da Secretaria de Guerra, cargo que ocupará até a aposentadoria em 1917. Foi devido a este fato que deixamos de ter o engenheiro Lima Barreto e hoje temos o escritor Lima Barreto.

O primeiro trabalho elaborado por Lima é uma série de reportagens que ele escreve ao jornal carioca Correio da Manhã. É uma série de reportagens sobre os primeiros movimentos de demolição do Morro do Castelo que era um grande morro no centro do Rio de Janeiro na qual decidiram que não contribuía para formosura da cidade ter um morro como aquele, pois a cidade do Rio de Janeiro não deveria ter um ar tão tropical.

Lima tinha uma relação visceral com o Rio, ele dizia isso e vivia a cidade como a cidade vivia dentro dele. Neste sentido a cidade era pra ele um laboratório para pensar o Brasil. Ela é também um objeto de reflexão profunda sobre a sociedade brasileira, sobre o novo sistema republicano.

Ao produzir os primeiros romances, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* e *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, Lima Barreto trouxe para a ficção personagens que seriam facilmente ligados às personalidades de seu momento histórico. No caso do livro do escrívão Isaías Caminha, conta-se a história de um jovem aspirante a jornalista que trabalha em um jornal cujo diretor chama-se Ricardo Loberant, identificado como Edmundo Bittencourt que na vida real, naquele momento, era o diretor do jornal Correio da Manhã.

Quando o romance vai a público, Edmundo Bittencourt fica absolutamente enfurecido e decreta que seu jornal nunca mais mencione o nome de Lima Barreto. Isso fará com que a imprensa feche as portas para esse jovem escritor que se tivesse tido uma recepção favorável já faria sucesso quase imediatamente.

Lima continua a escrever e publica seu grande romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Como vários autores de sua geração, ele é um escritor que vive o Brasil como um drama, só que de maneira aguda. O personagem Policarpo Quaresma é um dos grandes personagens da abertura do século XX, pois nele se expressa forte crítica à República e os problemas que decorrem dela. Por outro lado, esse personagem se destaca pelo seu amor descomunal pelo país.

Podemos dividir esta obra em três partes temáticas: a primeira parte é o projeto cultural de adotar o Tupi como a língua oficial e originalíssima do território brasileiro; a segunda parte traz um projeto agrícola como solução para a produção e enriquecimento do país que tem terras férteis e dimensões continentais; a terceira parte é o projeto político da qual Policarpo muito se empenha para redigir uma proposta para que o Brasil dê certo e que é enviada ao presidente Floriano Peixoto.

Este livro mostra como a república brasileira traiu as suas promessas, como ela abortou os desejos e aspirações que trouxe consigo e acabou construindo uma realidade que era o inverso daquilo que propunha e como essa sociedade injusta e desigual ainda prevalece. Talvez Lima tenha sido o primeiro homem a fazer ecoar esse sentimento de injustiça social que foi produto de uma república às avessas. A figura do pobre da cidade ainda não acontecia

na literatura brasileira, mas é com Lima Barreto que este tipo vai entrar no espaço elegante e nobre da literatura.

A linguagem que ele utilizava era bastante acessível, próxima até da oralidade o que lhe rendeu críticas pelos seus companheiros intelectuais da época, mas não somente pela linguagem, como também pelos temas que ele tratava e pela maneira como eram abordados. O preconceito contra a mulher, ecologia, desfiguração da paisagem urbana, são problemas que ele descreve naquela época e que ainda ocorrem na atualidade.

No ano de 1911, encontraremos um Lima Barreto voltado para a questão da bebida, o que seria um grande problema, pois este seria o período mais produtivo da vida do escritor já com trinta anos de idade. Em vários momentos ele será encontrado na sarjeta, bêbado e entregue ao vício do álcool. Disto ele guardará grandes mágoas, pois durante a vida toda ele sustentava o pensamento de que não deveria beber, principalmente em excesso.

Lima é um dos primeiros autores que fala da zona sul da cidade. Em crônicas ele descreve a praia do Leme, o início da praia de Copacabana que era o ponto final de um bonde que ele pegava na cidade. Ele é um autor da cidade que, mesmo com roupas sujas e mal cuidado, vai andando e descrevendo os vestidos das mulheres, os chapéus, a moda, as lojas entre outros. Há quem diga que Lima Barreto era quase um antropólogo ou etnólogo por seu hábito de observar os usos e costumes de sua época.

Esse homem que nunca saiu do Rio de Janeiro tinha a ideia de pátria muito arrojada para sua época. Por exemplo, quando ele escreve sobre a primeira grande guerra de 1914 ele já alerta ao público sobre os perigos advindos do ideal de nacionalismo quando se joga um país contra o outro.

A primeira internação de Lima se dá em 1914, e duas outras ocorrem em 1917 quando o consideram louco, porém suas internações ocorriam devido ao excesso de álcool. E a família acaba levando o escritor à exclusão social por não ser instruída o suficiente para detectar que o problema de Lima envolvia uma crise de alcoolismo e não de loucura.

Lima é um dos poucos brasileiros que compreenderam as transformações sociais, políticas e internacionais do seu tempo e foi solidário com essas transformações. Ele compreendeu a revolução russa, o que significou a revolução de 1917 – um corte, um atraso com o passado – e isso era realizado de modo muito singular com uma literatura que tinha a cara da sociedade carioca.

A última internação de Lima se dá no natal de 1919. Quando Lima sai do hospício está ainda muito jovem e é aposentado com 38 anos por causa das consecutivas internações. Nos últimos dias, ele esteve enclausurado em uma casa na rua Major Mascarenhas sabendo que estava próximo o seu fim. Lima morre no ano em que o Brasil teoricamente está entrando na modernidade do ponto de vista da renovação dos critérios artísticos em 1º de novembro de 1922. O indicador simbólico é que o autor morre com a revista *Revue des Deux Mondes* em mãos, que era uma importante revista francesa. Lima morreu como um homem que olhava para o seu tempo e para a realidade em que estava inserido.

Capítulo 2

Contexto histórico da obra

Para a elaboração deste capítulo foi utilizada a obra *Os bestializados: O Rio de Janeiro que não foi (1987)*, que oferece uma importante crítica jornalística das primeiras décadas da república brasileira que serão importantes para a formação da experiência cultural e social de Lima Barreto. A obra em questão mostra os bastidores de uma república que não é apresentada nos livros didáticos de história do Brasil, mas que certamente influenciou a massa de críticos e pensadores da época cujos trabalhos ressoam até os dias atuais.

Em carta redigida por Aristides Lobo ao Diário Popular de São Paulo em 1889, é afirmado que o povo não foi o protagonista dos acontecimentos que levaram o Brasil a se desvencilhar dos laços imperiais para entrar num regime republicano, ao invés disso, o povo portava-se como figura decorativa ao assistir bestializado o que se passava e que aquele ato talvez representasse para eles alguma parada militar.

O que de fato não estava muito longe de ser verdade tendo em vista que: “(...) A proclamação, afinal, resultou de um motim de soldados com o apoio de grupos políticos da capital.” (CARVALHO, 1987, p. 13). Certamente a grande massa de cidadãos do Rio de Janeiro, num primeiro momento da república, estava alheia aos representativos acontecimentos da política brasileira.

Inclusive em uma visão estrangeira marcante de Louis Couty em sua frase “O Brasil não tem povo” (COUTY, 1881, p. 87) é relatado que num estudo de amplitude sociopolítica a população brasileira do final do século XIX e início do século XX é politicamente desorganizada e desinteressada se comparada com a sociedade francesa da mesma época.

Era claro que havia um problema na relação entre o Estado e o cidadão, o que não significava que o Estado era um vilão poderoso e o cidadão uma pobre vítima indefesa das decisões politicamente arbitrárias que eram tomadas. Tanto havia a dicotomia do Estado e do cidadão como também é notável o fato de que ambos agiam em uma atmosfera conflituosa na qual o Estado ordenava e o cidadão se não aceitasse tal ordem reagia com protestos que poderiam ou não ser armados.

Após a Independência do Brasil em sete de Setembro de 1822 a maior mudança que houve em termos políticos foi o momento em que o país entra em transição do Império para a República. Este novo regime tinha como objetivo dar voz ao povo, trazê-lo ao palco e fazê-lo partícipe da história por meio de uma atuação verdadeiramente ativa.

“O jornal Voz do Povo, também do Rio de Janeiro, cuja publicação foi iniciada menos de dois meses após a proclamação da República, referiu-se à uma nova era para o operário brasileiro trazida pelo novo regime (...). No regime antigo, segundo o articulista do jornal, os operários eram os servos da gleba, a canalha, com todos os deveres e nenhum direito. Agora eram livres, iguais e soberanos, viam-se colocados na vanguarda do progresso da pátria.” (CARVALHO, 1987, p. 12).

Era este o momento apropriado para dar um novo passo rumo à noção de ligação do individual para com o social através de um governo que é organizado e tem como base o objetivo de servir ao bem comum dos indivíduos pertencentes ao grupo.

No início da República, o Rio de Janeiro era a cidade mais populosa do Brasil com mais de 500 mil habitantes, além de ser a capital política e administrativa do país, tendo assim, capacidade para ser um dos melhores lugares para o desenvolvimento da cidadania tal como requer o ideal de República.

De acordo com os dados do Anuário Estatístico do Brasil, publicado nos anos de 1908 a 1912, a demografia do Rio de Janeiro estava se modificando rapidamente com um grande crescimento populacional entre o número de habitantes que chega quase a dobrar entre os anos de 1872 e 1890.

A população mostrou aumento de 266 mil para 522 mil pessoas sendo que na década de 1890 uma parcela representativa da população 28,7% era nascida no exterior, ou seja, existia um crescente número de imigrantes que iam para o Rio de Janeiro, sem contar pessoas que chegavam de outras regiões do Brasil.

Além do crescimento populacional desordenado, havia outro problema que dizia respeito ao ajuntamento de pessoas em trabalhos mal remunerados ou sem emprego. Com a alta demanda por espaço e oportunidades de trabalho o Rio de Janeiro se vê em uma situação crítica sendo visível a queda da qualidade de vida e do número de habitações que estavam disponíveis. A Sociedade União dos Proprietários e Arrendatários de Prédios apresentou a situação de absoluta falta de casas, o que era atribuído ao processo migratório.

No ano de 1891 ocorrem as epidemias de varíola e febre amarela que se somavam às epidemias de malária e tuberculose que já acometiam a população. Até o ano de 1896, em virtude destas epidemias o número de mortes mantinha-se em 35 por mil, excetuando-se o ano de 1893. Alguns diplomatas no verão, período mais perigoso e com maior índice de contaminações, viajavam para Petrópolis a fim de escapar das epidemias.

E como se já não bastassem os problemas aqui citados neste período turbulento de implantação da República, houve grande instabilidade devido aos fatores econômicos e financeiros. O estopim desta nova crise é a abolição da escravidão que gerou uma necessidade de pagamento pelo trabalho dos inúmeros ex-escravos que para sobreviver precisavam trabalhar e ter dinheiro.

Neste sentido o governo imperial, também seguido pelo governo provisório, em uma tentativa de tranquilizar os cafeicultores do Rio de Janeiro e de outros estados, resolve emitir dinheiro para atender a demanda de moeda para o pagamento de salários. Logo, o Rio de Janeiro ficou inundado de dinheiro, o que por sua vez gerou a conhecida febre especulativa chamada O Encilhamento.

Entre os anos de 1890 e 1891 obtinham-se lucros diários de 50 a 100 contos e a oscilação cambial fazia com que do dia pra noite pessoas se tornassem milionárias ou quebrassem financeiramente segundo o que havia sido descrito no relatório do segundo-secretário da legação portuguesa Antonio da Franca em 1893. O novo regime parecia nas palavras de José Murilo de Carvalho (1987) uma autêntica república dos banqueiros que enriqueciam apenas com a especulação do mercado.

Como efeito foi presenciado um aumento rápido e constante de preços nos produtos importados consumidos pelos ricos. Em seguida, uma inflação generalizada com a duplicação dos preços e início da queda do câmbio no ano de 1892 que encareceu os produtos importados, ou seja, a maioria dos produtos utilizados no Brasil, pois muito pouco se produzia em território nacional.

A imigração é culpada por outro fator de instabilidade financeira que é o aumento no custo de vida. Com o grande fluxo imigratório havia uma demanda maior por trabalho o que acirrava ainda mais a luta por empregos que estavam cada vez mais escassos. Esta situação deu origem ao movimento jacobino, que teve início no governo de Floriano Peixoto e terminou ao final da presidência de Prudente de Moraes no ano de 1898.

O jacobinismo tinha como alvo de ataque os portugueses que eram mal considerados por explorarem os brasileiros através do controle comercial e das casas de aluguel. Os portugueses também ocupavam a maior parte dos postos de trabalhos deixando os brasileiros desprovidos de emprego. Os jacobinos mantiveram uma grande tensão política, sobretudo durante a campanha de canudos. Além disso, manifestavam-se quebrando jornais, vaiando

congressistas, perseguindo monarquistas, espancando e matando portugueses só para citar algumas táticas empreendidas pelos jacobinos.

Por fim o país entra em recessão econômica em uma fase de deflação que ocorre devido à queda dos preços do café. A saída de tal crise só ocorrerá no início do século ao final do governo Campos Sales em 1902.

Como se observa, durante os primeiros anos da República, houve diversas agitações e constante tensão para os fluminenses. Os militares, muito ativos durante a primeira parte do regime republicano, tinham acesso a um poder que não lhes estava ao dispor desde o início da Regência, mas que agora os inspirava a serem os guardiões da República fazendo com que agissem de modo arbitrário para intervir no que fosse conveniente.

“Rebelavam-se quartéis regimentos, fortalezas, navios, a Escola Militar, a esquadra nacional em peso. Generais brigavam entre si, ou com almirantes, o Exército brigava com a Armada, a polícia brigava com o Exército. Por seis meses, a esquadra rebelada bloqueou o porto e bombardeou partes da cidade, causando pânico, deslocamentos maciços de população para os subúrbios, ameaças de saques.” (CARVALHO 1987, p. 22).

Esse é o retrato da maneira como os militares agiam. Tamanha era a sede pelo poder que em muitos casos não se preocupavam com o bem estar dos cidadãos, mas sim com questões territoriais e com o controle daqueles que se manifestavam com rebeldia contra o regime.

Parte dos operários e de outras classes que acreditaram naquilo que prometia o novo regime se ajuntavam em partidos, faziam greves, paralisavam a rede ferroviária e portuária e organizavam clubes jacobinos e batalhões patrióticos. Em 1897 houve a tentativa de assassinar o presidente da República. Os capoeiras foram o único setor da população que foi reprimido pela República. Desde o início do governo provisório havia perseguição aos capoeiras sendo eles detidos e deportados em massa para Fernando de Noronha.

Apesar de todo o ocorrido com o início da República no Brasil, deve-se ressaltar que foi um período onde as ideias que antes eram contidas na realidade do sistema imperial agora circulavam com maior liberdade. Nas palavras de Evaristo de Moraes, pode-se dizer que houve um porre ideológico onde se misturavam várias vertentes do pensamento europeu. Algumas dessas vertentes como o liberalismo e o positivismo já estavam presentes na época do Império. Na República as vertentes que desaguavam em solo brasileiro eram as do socialismo e anarquismo.

Até mesmo intelectuais de classe média e artesãos tentaram intervir politicamente com propostas socialistas ao lançarem jornais de propaganda e formando organizações que estivessem de acordo com seus princípios. Estes acreditavam que poderiam democratizar a república com uma filosofia partidária que fosse além das propostas do liberalismo e do positivismo.

Como o novo regime mostrou-se insensível às propostas de democratização da República, surgiu um movimento ainda mais agressivo por parte dos intelectuais de classe média, líderes operários, brasileiros e estrangeiros que traziam propostas radicais de anarquismo como uma alternativa ao regime em vigor.

Com tudo o que estava acontecendo neste início de República no Brasil, não se conseguia a adesão do setor pobre da população, principalmente dos negros. Ao contrário, os negros simpatizavam mais com a Monarquia. Nota-se neste ponto que Lima Barreto, um dos romancistas mais críticos e polêmicos do Rio de Janeiro, refletia o desgosto coletivo pela República.

Ele presenciou em sua infância as comemorações da abolição e o regresso do imperador ao Brasil em 1888. Por outro lado viu também seu pai, funcionário da Tipografia Nacional, perder o emprego por conta da República. Entre suas críticas, costumava citar a figura do Barão do Rio Branco como um personagem que renegava a população negra brasileira:

“(...) uma mediocridade supimpa, fora do seu tempo, sempre com o ideal voltado para as tolices diplomáticas e não com a inteligência dirigida para a sua época. Era um atrasado, que a ganância das gazetas sagrou e a bobagem da multidão fez um Deus. (...) – Este Juca Paranhos (era outro modo dele tratar o Barão do Rio Branco) faz do Rio de Janeiro a sua chácara... Não dá satisfação a ninguém... Julga-se acima da Constituição e das leis... Distribui o dinheiro do Tesouro como bem entende...” (BARRETO, 1990, p. 45-46).

Para neutralizar e atenuar o grande número de conflitos que se formavam no Rio de Janeiro, Campos Sales fez um acordo no ano de 1900 que previa o fortalecimento dos estados com a pacificação e a associação das oligarquias. Destarte, reunir-se-iam as oligarquias num arranjo que iria garantir o domínio local e a participação no poder nacional de acordo com o poder político que cada uma possuía.

Essa obra foi necessária inclusive para a negociação da dívida externa com os banqueiros ingleses. O país seria governado independente dos tumultos que eram realizados

na capital com suas multidões agitadas. O Rio perde parte da sua força política para dividi-la com o restante do Brasil agrário.

Em 1904 a lei da vacinação obrigatória mostrou espírito de despotismo e arbitrariedade, ainda que tenha sido votada pelo congresso. O poder público intervêm invadindo a casa dos cidadãos, seu último e mais importante espaço de privacidade. A lei agredia a honra familiar ao permitir que desconhecidos entrassem e tocassem os braços e as coxas das esposas e filhas dos cidadãos. A população reagiu com violência e forçou a cessação da ação dos agentes do governo.

A frustração se instalou entre aqueles que esperavam uma maior participação do povo no regime republicano. Os intelectuais se decepcionaram por serem perseguidos durante o governo de Floriano. Também se desiludem os operários e suas ordens de classe socialista por não conseguirem participar com seus partidos do processo eleitoral. Retiram-se de cena os jacobinos. À população sobrava apenas a imprensa que já era um meio limitado para reproduzir a voz do povo.

Outros desastres que ocorriam naquela época de início de República eram as eleições que não contavam com o voto da maior parte da população, ao contrário, havia muita manipulação dos resultados eleitorais e a corrupção era a marca pessoal dos políticos ao forjarem suas próprias vitórias. Estando consolidado o sistema oligárquico domou-se politicamente o Rio de Janeiro e a cidade foi intitulada como o *cartão-postal da República* (CARVALHO, 1987, p. 39).

Nesta época o mundo literário voltou os olhos para Paris. Os artistas literários lá desejavam viver e morrer. Sua produção tinha como público alvo a elite carioca, e sua inspiração eram os moldes estéticos europeus. Lima Barreto e Euclides da Cunha foram as exceções, pois escreviam uma literatura que fosse voltada para o país e com traços estéticos e éticos particulares da cultura brasileira.

Com a política deflacionista de Campos Sales as finanças da República foram recuperadas e houve recursos para as reformas de embelezamento e saneamento da cidade. As obras foram realizadas de maneira autoritária pelo prefeito da cidade Pereira Passos que inclusive pediu a suspensão da câmara de vereadores por seis meses para poder trabalhar sem interferência burocrática alguma. Modificou-se rapidamente o centro da cidade. Um novo porto foi construído e os bondes ganharam tração elétrica, sem contar o imenso processo de higienização que foi empreendido.

Se por um lado o novo Rio, produto do regime republicano, aumentava a distância entre setores da população, por outro lado, as repúblicas do Rio, que vieram do Império, continuaram a viver criando novos laços sociais e culturais mais diversificados e mais brasileiros que os versos parnasianos e simbolistas.

Como exemplo, o caso da festa portuguesa da Penha que aos poucos foi sendo frequentada por negros e pelas pessoas do subúrbio, fazendo com que o samba tocasse ao lado das modinhas e dos fados portugueses. Mais tarde surge o futebol que era um esporte de elite, mas que aos poucos foi também apropriado pelos marginalizados e se transformou em esporte que abrangia toda sociedade, sem distinção de raça ou classe social.

Presenciou-se no Rio de Janeiro uma apropriação da cultura das elites por parte do submundo da cultura popular. Desta forma foi se constituindo uma nova identidade cultural coletiva da cidade que era manifestada com grande destaque em eventos como o carnaval e o futebol.

Essa é a atmosfera histórica e os pontos de grande importância na qual fez parte Lima Barreto como cidadão nascido e criado no Rio de Janeiro e que com o olhar interno fará críticas contundentes a todo este panorama de acontecimentos históricos, sociais, culturais e políticos.

Capítulo 3

CONSIDERAÇÕES SOBRE ÉTICA E ESTÉTICA

A ética é entendida filosoficamente como um campo de estudos que abrange questões relativas aos valores morais e à conduta humana. Essas podem ser analisadas de acordo com padrões específicos do bem e do mal que variam de uma sociedade para outra ou que são expressas de modo absoluto se assim forem consideradas por todos.

A estética está, *a priori*, ligada ao Belo; porém, com o passar do tempo, esse conceito sofreu variações que acompanharam os desdobramentos teóricos. Muitos estudiosos contribuíram para que a estética fosse estudada e entendida de maneiras diferentes. Platão, em sua abordagem, refere-se a uma estética conectada ao contexto de vida e natureza, de tal maneira que, para ter contato profundo com a beleza, o indivíduo deveria desvencilhar-se dos laços que o ligam ao mundo real para relacionar com um mundo ideal, em uma espécie de simbiose com o divino. O real, de acordo com esse filósofo, é o reflexo do inteligível, ou seja, uma representação do mundo anterior no qual vivemos. Esta realidade atual, segundo o pensador, é parte do plano sensível. E a obra de arte, para ele, seria um mero simulacro, representação ou “cópia” do mundo sensível que, por sua vez, é cópia do mundo inteligível.

Para Aristóteles, a estética estava diretamente ligada ao mundo real. O belo fazia parte das representações artísticas que imitavam a realidade pela ação do homem. Ele afirma que o ato de representar a realidade possuía um caráter pedagógico; em outras palavras, os objetos artísticos são capazes de despertar sentimentos que educam o sujeito para a vida.

Segundo Jean-Marie Guyau, “poderíamos dizer que o belo é o bem já realizado, e que o bem moral é o belo a ser realizado no indivíduo ou na sociedade humana” (GUYAU, 2009, p. 95). Esse pensador analisa a arte de um ponto de vista social e solidário na perspectiva de que o bem e o belo sejam elementos causadores de estranhamento que impulsionam os seres humanos rumo ao autoconhecimento por parte dos sentidos e das emoções.

De acordo com Amelia Valcárcel, “[...] ética e estética não enfeixam as mesmas ideias: para a ética está o bom, que é uma bela ideia, ou a justiça, que não é tão formosa quanto ela. Para a estética, o belo tem sua autonomia e apenas um temperamento ético [...] desejará que o belo se justifique moralmente” (VALCÁRCEL, 2005, p. 66). Essa autora

reconhece que ambos os conceitos caminham juntos, mas que diferenciam-se em suas implicações filosóficas e práticas.

O panorama aqui traçado sobre os conceitos de ética e estética servem para que o leitor tenha uma noção elementar sobre o que pensam alguns escritores e filósofos acerca do assunto. Essas primeiras impressões serão necessárias para o desenvolvimento da teoria que está contextualizada no romance de Lima Barreto.

Capítulo 4

A ÉTICA E A ESTÉTICA PARA LIMA BARRETO

O romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, que teve sua primeira edição em 1919, conta a história de um funcionário público de vida humilde e com grande sensibilidade intelectual. A trama de tal narrativa tem início a partir de uma questão bastante peculiar: após o desembarque de um bispo de Tocantins no porto de Belém ocorre sua recepção que se dá com certo protocolo e pompa. Em homenagem são disparados dezessete tiros. Inicia-se, então, uma dúvida sobre qual seria a quantidade adequada de tiros que deveriam ter sido dados no momento do acolhimento da autoridade eclesiástica. Após cansativa pesquisa e nenhum senso comum, o diretor da Secretaria de Guerra solicita ao funcionário Machado que vá à Secretaria dos Cultos em busca de alguém que possa dirimir tal dúvida.

Com a chegada à Secretaria dos Cultos, Machado logo conhece Gonzaga de Sá, que naquele instante estava atolado em folhas e esclarecendo dúvidas que chegavam a ele. Gonzaga de Sá era um velho alto, de voz macia e olhar sofrido, aparentando ter grande experiência de vida. Assim que se conhecem, tornam-se amigos e acordam encontros para caminhadas e conversas pelas ruas do Rio de Janeiro. Em uma dessas caminhadas pela cidade, após subir uma ladeira e em frente ao jardim de sua residência, Gonzaga de Sá cai e falece. O que resta da amizade de Gonzaga para Machado é um legado de livros e papéis avulsos junto às lembranças e as opiniões que Machado tanto valorizou.

Em sua literatura, Lima opta por linguagem simples e de fácil acesso ao público para que a sua literatura alcance não somente aos leitores da classe burguesa, mas que também ecoe para a classe mais pobre da população que, dessa maneira, ver-se-ia representada por literatura mais acessível. A estética do livro também está contida nos componentes paisagísticos que são delineados na conjuntura da obra quando são citadas casas, ruas, praias e meios de transporte, entre outros elementos que caracterizaram o cenário urbano do Rio de Janeiro em suas primeiras décadas do século XX.

No que concerne à questão ética, observa-se um olhar crítico e, em muitos casos, satírico, acerca de personalidades políticas da época. O governo do país também é diretamente criticado. A sociedade marginal é descrita como um povo sem voz e sem espaço

nos jornais e revistas. Faz-se possível encontrar na obra algumas marcas autobiográficas que se distribuem por todo o texto através de personagens como Gonzaga de Sá:

Gonzaga de Sá vivia da saudade da sua infância gárrula e da sua mocidade angustiada. Ia em procura de sobrados, das sacadas, dos telhados, para que à vista deles não se lhe morressem de todo na inteligência as várias impressões, noções e conceitos que essas cousas mortas sugeriram durante aquelas épocas de sua vida. Entendi que havia nele uma parada de sentimento e que o volumoso caudal, de encontro ao dique incógnito, crescera com os meses, com os anos, subira muito, e se extravasara pelas cousas, pelo total de vivo e de morto que lhe assistia viver. (BARRETO, 1990, p. 40)

Esse fragmento do romance ilustra o típico momento do pensar que Gonzaga e Lima Barreto tinham em comum. Andar pelas ruas, observar os fenômenos através do contato próximo com o cotidiano era de grande importância para formular um pensamento tipicamente voltado para a questão social de um movimento urbanístico que estava fervilhando em modificações arquitetônicas e correntes migratórias no Rio de Janeiro.

Em outro apontamento, Gonzaga fala da cidade do Rio como sendo um lugar esquisito, porque seu espaço urbano vai crescendo constantemente e as diversas partes não se unem por viverem separadas em um contraste entre a arquitetura antiga da cidade e o subúrbio. Essa é a visão que o Rio de Janeiro continua a apresentar. O contraste entre as classes ainda é bastante visível e a desigualdade social se mantém presente.

Como bom crítico que era, o autor também provocava os políticos da época, sobretudo o Barão do Rio Branco:

[...]uma mediocridade supimpa, fora do seu tempo, sempre com o ideal voltado para as tolices diplomáticas e não com a inteligência dirigida para a sua época. Era um atrasado, que a ganância das gazetas sagrou e a bobagem da multidão fez um Deus. [...]– Este Juca Paranhos (era outro modo dele tratar o Barão do Rio Branco) faz do Rio de Janeiro a sua chácara... Não dá satisfação a ninguém... Julga-se acima da Constituição e das leis... Distribui o dinheiro do Tesouro como bem entende... (BARRETO, 1990, p. 45-46)

Lima Barreto não temia represálias, e acabava escrevendo aquilo que lhe vinha à mente. Não se vê críticas do mesmo porte na imprensa moderna. As opiniões são cada vez mais banhadas pelo tom do politicamente correto e desprovidas do tempero barreteano que pode encantar o leitor que anseia por uma mídia mais revolucionária.

Em relação ao lado estético que é trazido pelo autor, fala-se até dos vestidos das mulheres. O personagem Machado comenta sobre seu desagrado pela figura de Gonzaga de

Sá quando este afirma não ter conhecimento da *ciência dos costumes* ou sobre a *análise das cristalizações sociais* pelo fato de não conhecer em profundidade acerca das roupas femininas, e para tal, gostaria de ter se envolvido com alguma costureira para compreender os detalhes dos tecidos, cortes e outros aspectos. Gonzaga diz que “um vestido possui sempre um imenso poder vibratório na nossa sociedade; é um estado d’alma; é uma manifestação do insondável mistério da nossa natureza, a provocar outras em outros” (BARRETO, 1990, p. 49).

Em seguida, Gonzaga de Sá explica-se ao seu amigo ao dizer que se por um lado não compreende as minúcias de um vestido, por outro, ele percebe que um vestido na verdade tem um propósito de “arranjar um casamento, quatro filhos e criar um cavador a mais, malcriado, feroz e exigente” (BARRETO, 1990, p.50). Aqui está um dos olhares que faziam parte da vida de Barreto como o observador das modas e das tendências estéticas reveladas pelas vestimentas de seu tempo.

O escritor revela que estava focado não apenas nos detalhes das roupas e da moda, mas também nos motivos pelos quais determinadas classes se vestiam e quais os objetivos teriam com suas vestes. Logo, dentro de uma análise estética, é possível identificar que também existe uma análise ética decorrente da intenção com a qual as roupas são utilizadas.

Questiona-se na obra porque motivo as chamadas “damas fáceis” vestem-se bem; acaba-se chegando à conclusão de que assim fazem com o intuito de alterar o dado de duração na noção do casamento. Esse olhar rigoroso para a beleza das roupas e que delas retira a intenção por trás do enfeite é característico dessa espécie de rigor através do qual se dá o olhar crítico para a estética da vestimenta.

Gonzaga de Sá cita, em uma de suas caminhadas, que percebe os subúrbios cada vez mais feministas. Ao ouvir isso Machado questiona o motivo de tal afirmação, ao que Gonzaga lhe responde que na parte suburbana da cidade a atividade intelectual está entregue às mulheres, pois muitas trazem consigo livros, violinos e rolos de música. Entretanto, de maneira irônica, Machado afirma que não há problema quanto ao despertar intelectual das moças tendo-se em vista que logo após o casamento elas “fecham as gramáticas, queimam as músicas, e começarão a repetir a história igual e enfadonha de todos os casamentos burgueses ou não” (BARRETO, 1990, p. 59).

Este posicionamento contumaz à maneira como se enxergava a figura da mulher em uma sociedade que já apresenta uma efervescência política que dá voz a diversas

representações é algo que Lima desgosta e faz questão de mostrar em sua crítica. A sociedade do início do século XX ainda é uma sociedade que finge não ver a mulher como um ser que pode se portar de maneira diferente do clássico estereótipo da dedicada dona de casa.

O autor apresenta-se como portador de uma ética que estava à frente de seu tempo, pois ele aponta que as mulheres estavam com um acesso maior ao ambiente intelectual, porém o casamento fazia-lhes desperdiçar todo o arcabouço artístico em prol das atividades domésticas. É possível que o autor estivesse expondo ao leitor que algo estava errado e sugerindo mudanças de pensamento sobre o ocorrido.

Capítulo 5

O BOM AUTOR

O modo como um escritor se posiciona declara qual a sua identidade, isto é, se ele tem um compromisso maior com a ética ou com a estética, ou mesmo se tenta equalizar esses dois termos em sua obra de arte. Para Lima Barreto, escrever era manifestar uma opinião verdadeira sobre o que de grave acontecia com a população brasileira, especificamente do Rio de Janeiro; agindo assim, o escritor também demonstrava não temer possíveis represálias que, porventura, viesse a sofrer.

Para classificar um escritor como bom em seu ofício no mundo da literatura é importante, inicialmente, analisar se ele escreve e se porta tal como um intelectual. Para caracterizar a figura de um artista que tenha essa qualidade é interessante recorrer à definição de Edward Said:

No fim das contas, o que interessa é o intelectual enquanto figura representativa – alguém que visivelmente representa um certo ponto de vista, e alguém que articula representações a um público, apesar de todo tipo de barreiras. Meu argumento é que os intelectuais são indivíduos com vocação para a arte de representar, seja escrevendo, falando, ensinando ou aparecendo na televisão. E essa vocação é importante na medida em que é reconhecível publicamente e envolve, ao mesmo tempo, compromisso e risco, ousadia e vulnerabilidade. (SAID, 2005, p. 27)

Lima, como intelectual, representa um ponto de vista que reflete suas características íntimas, identificadoras de seu pensamento contrário ao que ocorria após a instauração da República no Brasil. A partir da observação da cultura do povo carioca e das modificações na estrutura arquitetônica da cidade ele pôde manifestar-se criticamente em prol de uma mudança de postura da organização social no país. O olhar burguês que privilegiava uma minoria deveria ser substituído por um olhar social do governo para com o povo.

Citado por Edward Said, Antonio Gramsci no livro *Cadernos do cárcere* escreve: “todos os homens são intelectuais, embora se possa dizer: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais” (GRAMSCI *apud* SAID, 2005, p. 19). Neste sentido pode ser observado que nas primeiras décadas da república qualquer cidadão como intelectual poderia ter se indignado com a situação geral do povo brasileiro; porém, o que diferenciou Lima Barreto dos críticos de sua época foi sua entrega e dedicação totais, e de tal modo que, ainda hoje, essas afirmações são capazes de tirar o leitor de seu sossego para repensar a figura do brasileiro.

O verdadeiro escritor enfrenta barreiras porque não consegue agradar a todos, em verdade, um bom escritor desagradar a muitos, por ter o dom de incomodar a consciência e trazer à reflexão determinados momentos históricos que façam com que o leitor se veja movido a agir ou pensar de maneira diversa à qual até então encontrava-se, em estado tipicamente letárgico. O artista das letras faz com que o leitor estranhe a obra lida e dela busque um algo a mais, um compromisso para com a leitura que fez.

Tendo em vista a posição de Lima enquanto um intelectual que incomodou muitas pessoas pela sua escrita crítica e irônica, não podemos esquecer que ele preocupou-se com o povo e, assim, sua literatura era voltada também para o lado popular e não apenas para o burguês. Sua obra transparece uma estética desleixada, e uma ética altamente elaborada e alegórica.

Um dos aspectos que são questionados por esse autor é a validade e o alcance da linguagem que é empreendida pela academia. Uma linguagem polida e hermética que se diferencia do estilo de estética despojada; tudo isso aliado a posicionamentos contundentes capazes de demonstrar destemor a qualquer reprimenda. Óbvio que no início do século XX ainda predominavam noções e posturas muito conservadoras de escrita e de escritor: João Ribeiro pregava que o “letrado é um bacharel em linguagem” (RIBEIRO, 1963, p. 12), pois acima de qualquer coisa, para ser um bom escritor deveria haver um profundo respeito e amor à língua. Para Lima, todo esse empenho de escrever como um acadêmico com amor à língua não passava de um falseamento da realidade, esta deveria ser denunciada e não embelezada pela linguagem ou por artifícios retóricos discursivos.

Um bom escritor para Lima é descrito no romance através da figura de seu protagonista: “Gonzaga de Sá não possuía qualquer sabedoria excepcional, mas tinha, em compensação, vistas suas e próprias” (BARRETO, 1990, p. 29). Esta era uma das características que Lima Barreto mais destacava entre as qualidades que esperava em um escritor, qual seja, a identidade na escrita. Um escritor não precisa ser doutor vernaculista para escrever bem; precisa, sobretudo, ter *vistas próprias*, uma opinião concreta que deve ser exposta para o entendimento de todos, inclusive da grande massa de trabalhadores marginalizados com baixa escolaridade.

Eis a batalha do escritor: fazer-se entender de maneira simples e com profundidade de pensamento, com opiniões concretas capazes de dar voz à realidade social. Em outras palavras, nem tanto uma estética apurada, mas uma ética que faça ressoar a voz inteligível das maiorias marginalizadas que são representadas pelo intelectual escritor.

Gonzaga portava-se de maneira peculiar com olhar crítico e rigoroso para com a sociedade de seu tempo porque para ele as classificações e invenções socialmente estipuladas de povos, raças e classes não existiam, sendo apenas títulos abstratos. Para ele, era mais importante que houvesse um olhar individualizado: “Não; absolutamente não. Os indivíduos me enternecem; isto é, o ente isolado a sofrer; e é só!” (BARRETO, 1990, p. 50).

Destarte, Gonzaga crê que não podemos dizer que todos os seres de determinada classe por serem mais ricos ou por terem maior destaque social são inteiramente felizes, e em contrapartida, os operários com seus pequenos êxitos cotidianos seriam desgraçadamente tristes. O olhar do bom escritor é destacado por Lima como um olhar que abrange indivíduos sem voz, que sofrem continuamente, mas que não têm espaço na imprensa para compartilharem de seu sofrimento em busca de uma solução. O que se vê, em muitos dos casos, é a representação de uma sociedade que aparece nos jornais e que pouca importância apresenta para a resolução dos problemas sociais. São, por vezes, famílias que se dizem nobres e que anunciam casamento para aparecer nas manchetes da imprensa brasileira e serem reconhecidas socialmente como provenientes de estirpe régia.

Em crítica ao funcionalismo público de fins do Império e início da República, o romance denuncia e expõe uma força de trabalho ineficiente e que, apesar de ostentar muitas honrarias, pouco faz em seu ofício burocrático. O autor descreve o personagem chamado de Barão de Inhangá, diretor geral dos cultos católicos:

Entrara como chefe de secção e durante as horas de expediente o seu máximo trabalho era abrir e fechar a gaveta da sua secretária. Foi feito diretor e, logo que se repimpou no cargo, tratou de arranjar outra atividade. Em falta de qualquer mais útil aos interesses da pátria, o barão fazia a toda hora e a todo o instante a ponta no lápis. Era um gasto de lápis que nunca mais se acabava; mas o Brasil é rico e aprecia o serviço de seus filhos. (BARRETO, 1990, p. 54)

Essa era a situação dos muitos funcionários públicos que durante seu tempo de serviço e com a mudança de regime político foram promovidos de modo que, em muitos casos, nem mesmo sabiam o motivo de ocuparem tais cargos, pois nenhuma função desempenhavam, a não ser o abrir e fechar de gavetas ou o apontar de lápis.

Através dessa ironia, Lima Barreto se posiciona a favor de um funcionalismo público mais eficiente e que tenha como princípio a preocupação real com a coisa pública ao invés de se preocupar puramente com rituais burocráticos que pouco contribuem com a melhoria da prestação de serviço à população brasileira. Pela maneira como Barreto se porta como autor, pode-se depreender que o bom escritor ao compreender a sociedade de seu tempo

deverá se preocupar com aspectos variados da organização do ambiente, da época e da cultura em que está inserido. Partindo desse pressuposto, é possível verificar as diversas bandeiras e pontos de vista que Lima Barreto desenvolveu em sua obra *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

As suas reflexões são bastante variadas. Em uma única página podem ser encontrados pensamentos sobre antropologia: “[...] os etnólogos são falsos e maus”; diplomacia: “[...] se não fora a perturbação que trazem os diplomatas viajados”; religião e cientificismo: “Se no século XVII, o que separava os homens de raças várias era o conceito religioso, há de ser o científico que as separará daqui a tempos”. Nesse caso, vemos o talento de um exímio escritor que consegue, de forma múltipla e fragmentária, tratar de assuntos tão relevantes à sociedade e sucintamente marcar sua opinião incisiva.

A obra também apresenta elementos autobiográficos através de um menino que é filho do personagem Romualdo. No fim do capítulo IX Romualdo falece. É feita uma reflexão sobre como seria a vida de seu filho que estaria protegido pelo padrinho Gonzaga e a tia Escolástica, assim, receberia educação e conforto que não teria condições de arcar se não fosse por conta desta ajuda:

Sob a ascendência do padrinho, estudaria muito, aplicar-se-ia aos livros. Durante anos no ambiente falso dos colégios e escolas, a sua situação na vida não se lhe representaria perfeitamente. Viriam os anos e a ânsia que o estudo dá; viria o mundo social, com a sua trama de conceitos e preconceitos, justos e injustos, bons e maus – trama unida e espinhenta, contra a qual a sua alma se iria chocar... Era então a dor, as deliquescências, as loucas fugidas pela fantasia... Era doloroso peregrinar com o opróbrio à mostra, à vista de todos, sujeito à irrisão do condutor do bonde e do ministro plenipotenciário...[...]Nem o estudo lhe valeria, nem os livros, nem o valor, porque, quando o olhassem diriam lá para os infalíveis: aquilo lá pode saber nada! (BARRETO, 1990, p. 92-92)

Por intermédio do personagem Aleixo Manuel, o autor parece querer deixar claro que mesmo recebendo bons estudos e sendo bem cuidado desde pequeno, o fato de ser negro e pobre faz com que a sociedade não dê voz àquele menino que em breve será homem intelectualmente bem formado. Essa crítica também pode ser vista como de essência autobiográfica, uma vez que Lima Barreto é mestre em aproveitar-se de vivências e situações cotidianas para expor realidades que podem se transformar em conto, crônica ou romance de cunho social.

Em outro momento é feita uma crítica sobre a disparidade nas relações sociais de trabalho em uma comparação entre funcionários de ocupações e níveis hierárquicos distintos:

Eu não compreendo, acrescentou depois de uma pausa, que um homem – um animal dotado de senso crítico, capaz de colher analogias – levante-se às quatro horas da madrugada, para vir trabalhar no Arsenal de Marinha, enquanto o ministro dorme até às onze, e ainda por cima vem de carro ou automóvel. Eu não compreendo, continuou, que haja quem se resigne a viver desse modo e organizar famílias dentro de uma sociedade, cujos dirigentes não admitem, para esses lares humildes os mesmos princípios diretos com que mantêm os deles luxuosos, em Botafogo ou na Tijuca. (BARRETO, 1990, p. 101)

A crítica leva em conta a maneira como são tratados funcionários que na mesma instituição de trabalho são considerados de formas diferentes por causa da hierarquia. Porém, essa não é uma crítica vazia, porque indica que a realidade social da época não somente atribuía uma forma de tratamento melhor ao funcionário de hierarquia mais alta como também permitia que houvesse regalias que diferenciavam em muito a forma como se tratava um trabalhador comum e um ministro. Esse tipo de crítica é bem aplicável aos dias atuais, pois nossos representantes políticos e funcionários públicos de alta hierarquia mantêm uma postura de privilégio com regalias que vão muito além daquilo que é possibilitado ao trabalhador comum. As condições de locomoção e transporte, estabilidade de cargos e salários, entre outros pontos são bastante diferentes entre essas classes.

Capítulo 6

MERCADO EDITORIAL E RECONHECIMENTO

O mercado editorial no início do século XX no Brasil era composto basicamente por jornais e revistas cujo acesso era um privilégio de poucos. Nesta época havia no país um número pequeno de pessoas letradas e, em contrapartida, uma vasta população de analfabetos e imigrantes que não eram falantes da Língua Portuguesa. Desta forma, o contato das publicações abrangia uma população de poucos letrados, em sua maioria de burgueses e daqueles que tiveram a oportunidade de acesso à escola para serem alfabetizados e formados nos valores da cultura clássica.

Sobre as revistas, Gonzaga de Sá não demonstra apreço pelas publicações brasileiras por elas serem muito *chics*. Por outro lado, ele vê com bons olhos as revistas francesas: *Revue*, o *Mercure*, a *Revue Philosophique* e a *Revue des Deux Mondes*, sendo esta última objeto de sua predileção. Segundo o personagem, as revistas francesas eram de um tom anárquico que acabava por agradar sua variada instrução e seu gosto. Havia, contudo, uma exceção aberta por Gonzaga quando se tratava da leitura dos periódicos brasileiros; ele optava por aquelas revistas que seguiam uma linha *obscura e jornais ilustrados meteóricos*.

Quanto aos jornais, Gonzaga de Sá manifestava-se com repulsa para com um comportamento particular e inútil que tinham os brasileiros daquela época:

A mais estúpida mania dos brasileiros, a mais estulta e lorpa, é a de aristocracia. Abre aí um jornaleco, desses de bonecos, e logo dás com uns *clichés* muito negros... Olha que ninguém que ser negro no Brasil!... Dás com uns *clichés* muito negros encimados pelos títulos: “Enlace Sousa e Fernandes”, ou “Enlace Costa e Alves”. Julgas que se trata de grandes famílias nobres? Nada disso. São doutores arrivistas, que se casam muito naturalmente com filhas de portugueses enriquecidos. Eles descendem de fazendeiros arrebetados [...] Uma instituição só é válida quando é mantida com as suas leis – os nobres aqui degradaram-se porque não respeitaram as regras da linhagem [...] (BARRETO, 1990, p.35)

Há neste trecho a figura dos brasileiros que buscavam a ascensão social através do casamento com algum estrangeiro de alto padrão financeiro e que fosse de família nobre. Publicavam em jornal os sobrenomes das famílias para passarem a imagem de que duas linhagens nobres e tradicionais estavam a unir os laços do matrimônio, quando o que de fato havia era uma ligação com objetivos financeiros em que um dos cônjuges que provinha de família pobre buscava um bom partido para mostrar à sociedade as aparências de um bom casamento.

Barreto faz crítica à nobreza por demonstrar que, na realidade brasileira, por conta da tamanha miscigenação entre diferentes povos, não havia mais brasileiro que fosse de tronco familiar nobre, não havia mais uma pureza que pudesse atestar que membros de uma família só se relacionariam com os membros de outra.

Em crítica aos jornais brasileiros, especificamente às notícias de Petrópolis, Gonzaga encoraja seu companheiro de caminhadas, Machado, a fazer a leitura das notícias desta cidade. De modo irônico, ele diz que é importante ler sobre quem sobe e quem desce para sabermos mais acerca das *culminâncias de nós mesmos*; porém, Gonzaga também afirma que as notícias de Petrópolis são iguais às de qualquer lugar, *vulgares e chatas*.

Havia um anseio dos personagens por notícias que tivessem um teor revolucionário e de inversão aos valores *chics*. Isso é o que reflete a personalidade do próprio Lima Barreto e seus traços contrários à estética da época que supervalorizava um padrão nobre, aristocrático e burguês por parte de uma minoria que representava de longe a massa de trabalhadores e iletrados brasileiros.

Em outro episódio, conversando em casa de Gonzaga de Sá, Machado se surpreende quando encontra um exemplar do jornal Gazeta de Uberaba e revela ainda mais admiração quando Gonzaga afirma que de fato o lê e que dá preferência a apreciação de jornais obscuros por conter jornalistas em início de profissão: “Gosto dos começos, da obscura luta entre a inteligência e a palavra, das singularidades, das extravagâncias, da livre ou buscada invenção dos principiantes” (BARRETO, 1990, p. 62).

A opinião expressa acima demonstra uma preferência pelo caminho que Lima Barreto trilhou em seu meio editorial ao escrever crônicas e empreender críticas, pois a maior parte do seu trabalho foi feito em jornais pequenos e obscuros. Trabalhar em um jornal grande significava estar vulnerável às ordens dos editores ligados a uma elite burguesa que não permitia uma escrita extravagante e independente como era a desse escritor carioca. A luta entre a inteligência e a palavra também pode ser entendida como esse jogo de tensões entre o ético (pensamento) que, dependendo do jornal, grande ou pequeno seguiria uma linha que fosse ou não de livre expressão, e o estético (a palavra) como uma forma que poderia ou não seguir o modelo clássico e padronizado dos jornais grandes da época.

Quanto à brochura “Pesquisa”, da cidade de Cascadura, afirma tratar-se de uma publicação suburbana mensal capaz de demonstrar que em uma cidade suburbana poder-se-ia fervilhar ideias tão diferentes e interessantes quanto as que ele acabara de ler em uma outra

publicação. Os dois chegam a comentar que uma brochura como a “Pesquisa” chega a ser uma bela publicação intelectual se comparada aos grandes jornais e revistas da época. A partir de então, os dois personagens terão um diálogo que vale a pena destacar acerca do mercado editorial:

_ Curioso é que haja tanta gente obscura capaz de escrever sobre assuntos tão elevados. Conheces algum? _ Nenhum; mas o que te surpreende?!... Há entre nós muito talento. O que não há é publicidade, ou antes, a publicidade que há é humilhante, além de completamente destituída de vistas superiores. (BARRETO, 1990, p. 63)

Eis um posicionamento bastante incisivo de Lima Barreto sobre o mercado editorial da época que, com manchetes insignificantes, buscavam dar voz a uma minoria da sociedade que não era digna de representar a grande massa social que carecia de atenção. Por isso o autor via com bons olhos os jornais menores ou as revistas suburbanas, pois estas traziam o olhar da gente obscura que não tinha espaço para falar a linguagem do povo na grande imprensa, mas que poderiam tratar de assuntos de ordem mais elevada em tais publicações marginais.

Vale a pena citar, também, a opinião do personagem Gonzaga de Sá sobre o que de fato são os grandes jornais e como os mesmos funcionam:

Um jornal, dos grandes, tu bem sabes o que é: uma empresa de gente poderosa, que se quer adulada e só tem certeza naquelas inteligências já firmadas, registradas, carimbadas, etc., etc. Demais, o ponto-de-vista limitado e restricto dessas empresas, não permite senão publicações para os leitores medianos, que querem política e assassinatos. Os seus proprietários fazem muito bem, dão o que lhes pede o público... Se não consultam as médias, têm que lisonjear os potentados, os graúdos, porem-se a serviço deles – gente, em geral, perfeitamente estranha ao tênue espírito brasileiro e que não quer saber de coisas do pensamento desinteressado... Além disso, são necessárias mil curvaturas, para chegar até eles, os grandes jornais; e, quando se chega, para não escandalizar a média e a grande burguesia, onde eles têm a sua clientela, é preciso atirar fora o que se tem de melhor na cachola. (BARRETO, 1990, p. 63)

No início do século XX, o jornal impresso ainda era a mídia que tinha maior alcance social; enquanto nos dias atuais a televisão ainda se destaca como o meio midiático brasileiro que contempla maior número de pessoas na disseminação da informação, na época de Lima esse papel era ocupado pelo jornal. Destarte, fez-se nessa fala de Gonzaga de Sá uma crítica da realidade bastante conhecida pelos escritores marginalizados que não tinham espaço para escrever em grandes jornais. Se não se escreve de acordo com os pensadores de opinião firmada, se há fuga desse padrão, não existe tolerância, esses escritores simplesmente são condenados ao ostracismo.

Também é apontada a intenção de um jornal grande de querer agradar a massa mediana que se interessa por boatos políticos e assassinatos, mas que está muito longe de pensar a problemática realidade brasileira. Logo, para ser um bom escritor nos grandes jornais era preciso retirar as boas ideias que fariam diferença entre as mentes pensantes e intelectuais para substituí-las por um discurso vazio que não escandalizasse a burguesia. Essa não era a postura de Lima Barreto; suas ideias eram manifestadas sem medo de classe alguma, e por isso não obteve lugar entre os grandes jornais de seu tempo.

Em outro momento Machado pergunta qual seria a opinião de Gonzaga sobre as revistas. Quanto a isso, Gonzaga responde-lhe que caberia o mesmo raciocínio dos grandes jornais, mas o único diferencial estaria no uso de fotografias. Deste modo, é apontado que Gonzaga não é um personagem inocente, pois assume que o povo brasileiro também é culpado por não estimular os editores e empresários através de uma busca interessada por novas ideias. Além disso, não se deve culpar apenas o público, pois este é *maleável, manipulável*. A culpa também deve ser compartilhada com os autores, que se permitem deixar levar por aquilo que lhes é estabelecido pelos donos de grandes jornais e pela opinião da pequena classe burguesa.

Para driblar a escassez de informações relevantes que não apareciam nos grandes jornais, Gonzaga cria uma estratégia. Ele decide que para ter acesso à *jovem inteligência* brasileira é necessário ler as revistas obscuras e alguns jornais de província que trazem elementos interessantes de análise. A escassez do espaço realça os artigos das pequenas revistas; assim, o leitor utiliza sua imaginação para compreender o que o autor, por falta de espaço, não conseguiu dizer, o que poderia ter dito e o esforço que fez para sintetizar suas ideias em um espaço curto.

É possível obter *raras emoções* na leitura das pequenas revistas e nos jornais de província, pois nessas publicações encontram-se *altas questões sociais* que dificilmente são assinaladas em jornais grandes, esses mais se preocupam com questões medíocres do que com a massa trabalhadora do povo brasileiro. Em consideração ao reconhecimento de Lima Barreto como autor e como um intelectual de seu tempo, podemos ver através do romance um posicionamento dele com relação às suas habilidades intelectuais e a cultura que lhe foi passada na academia:

Longe de me confortar a educação que recebi, só me exacerba, só fabrica desejos que me fazem desgraçado, dando-me ódios e, talvez despeitos! Por que ma deram? Para eu ficar na vida sem amor, sem parentes e, porventura, sem amigos? Ah? se eu pudesse apagá-la do cérebro! Varreria uma por uma as noções, as teorias, as

sentenças, as leis que me fizeram absorver; e ficaria sem a tentação danada da analogia, sem o veneno da análise. Então, encher-me-ia de respeito por tudo e por todos, só sabendo que devia viver de qualquer modo... Mas... era impossível, impossível! Era tarde e os culpados do que eu sofria não eram a minha educação nem a minha instrução. Era eu mesmo; era o meu gênio; era o meu orgulho aliado a um estúpido medo. (BARRETO, 1990, p. 82)

Neste trecho, Lima Barreto, através do personagem Machado, faz uma reflexão que se encaixa no que é considerado neste trabalho acerca das reflexões do significado de ser um bom escritor e o seu papel na sociedade. O que é destacado é a maneira como vivem os escritores, pois, em sua maioria, estes vivem sozinhos, perseguidos que são pelo seu próprio espírito de análise que os afasta da convivência social para buscar a quietude do pensamento.

Muitos escritores sentem-se isolados pelo fato de serem ou sentirem-se como uma minoria que desperta seus sentidos intelectuais para os problemas da sociedade que muitos enfrentam, mas que poucos param para analisar e buscar soluções. Em outra crítica ao mercado editorial brasileiro, feita pelo personagem de Gonzaga de Sá, fala-se sobre a emotividade literária que “só se interessa pelos populares do sertão, unicamente porque são pitorescos e talvez não se possa verificar a verdade de suas criações” (BARRETO, 1990, p. 101). Esse posicionamento é justificado quando se diz que as histórias e os contextos repetem-se com frequência nos romances brasileiros e não possuem a profundidade e visão ilimitada de obra como aquelas escritas por autores como Tolstoi, Dostoiévski e George Eliot.

Por sentir falta de um toque de originalidade e de realismo nos romances, observa-se que Lima Barreto adota um tom social que é voltado para o cotidiano e para o sofrimento particular e, ao mesmo tempo, coletivo de um povo que não tinha voz e era mal representado pelos seus governantes. Lima Barreto driblou os obstáculos impostos pelo mercado editorial de seu tempo utilizando-se de uma escrita capaz de traduzir muitos dos anseios da população do Rio de Janeiro. População esta que, através desse escritor, pôde manifestar literariamente muitas das suas silenciosas ambições.

Capítulo 7

Considerações finais

Detectar os elementos éticos e estéticos no presente romance de Lima Barreto exigiu um olhar atento à perspectiva do autor e uma aproximação à sua maneira dura de escrever.

É patente o trabalho de linguagem que é desenvolvido em tal narrativa, bem como o cuidado com a questão ética; a obra volta-se para as questões humanas e à solidariedade em relação aos problemas evidenciados na sociedade do Rio de Janeiro. A estética na obra é desenvolvida de uma maneira que não se sobreponha à ética (modo parnasiano de perspectiva), mas que trabalhe com esses dois conceitos em complementaridade como propõe Amelia Valcárcel em seu livro *Ética contra estética*.

Esta autora afirma que a ética e a estética possuem grande representatividade e a força de ambas é indubitável. Em alguns períodos históricos a hegemonia de uma pode ofuscar a outra, mas não ao ponto de eliminá-la. Em certos momentos uma delas brilha mais do que a outra. Contudo, não são iguais, mesmo que haja variação conceitual. Ainda assim, são reciprocamente imprescindíveis e estão em constante redefinição. (VALCÁRCEL, 1998, p.65).

O romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá* alcança, por fim, o que pregava Guyau: “A finalidade mais elevada da arte é produzir uma emoção estética de um caráter social” (GUYAU, 2009, p. 104). Sempre atento à sociedade, Lima Barreto utilizou-se de sua estética para atingir esse fim maior de encantar e encantar-se com a realidade de seu país mostrando que sua produção literária estava compromissada com as massas desprovidas de poder.

Referências Bibliográficas

BARRETO, Lima. *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1990.

BARRETO, Lima. *Bagatelas*. Rio de Janeiro: Empresa de Romances Populares, 1923.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

GUYAU, Jean-Marie. *A arte do ponto de vista sociológico*. Trad. Regina Schöpe e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. História da Literatura Brasileira. Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia / Edusp, 1988.

PRADO, Antonio Arnoni. *Lima Barreto: o crítico e a crise*. Rio de Janeiro: Cátedra/MEC, 1976.

RIBEIRO, João. *Páginas de estética*. Rio de Janeiro: São José, 1963.

SAID, Edward. *Representações do intelectual*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1893.

VALCÁRCEL, Amelia. *Ética contra estética*. Trad. Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva/Sesc, 2005.